



A geração da utopia em tempos de distopia

Gustavo Henrique Rückert*

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo principal a análise da obra *A geração da utopia*, do escritor angolano Pepetela, a partir do confronto de vozes dos seus personagens (conforme a teoria do romance polifônico, de Mikhail Bakhtin). Os resultados apontam para um movimento na narrativa, que vai da utopia para a distopia, representada, principalmente, na mudança de voz do personagem Aníbal (Sábio).

Palavras-chave: Pepetela; *A geração da utopia*; polifonia; utopia; distopia.

Abstract: This essay has as its main objective the analysis of the work *A geração da utopia*, by Angolan writer Pepetela, through the confrontation of characters voices (according to the polyphony theory of the novel, by Mikhail Bakhtin). The results indicate a movement from utopia to dystopia in the narrative. This is represented mainly in changing voice of the character Aníbal (Sábio).

Keywords: Pepetela; *A geração da utopia*; polyphony; utopia; dystopia.

1 Bakhtin: o eu do outro

O que é que eu entendo por "eu", ao falar e ao viver: "eu vivo", "eu morrerei", "eu sou", "eu não serei", "eu não tenho sido". Eu-para-mim e eu-para-o-outro, outro-para-mim. O homem frente ao espelho. O não-eu em mim, algo que é maior do que eu em mim, o ser em mim. (BAKHTIN, *Estética da criação verbal*)

Em entrevista concedida à Jane Tutikian, publicada na revista *Organon* (2009), o escritor angolano Pepetela afirma

Não me parece possível o escritor separar a sua ideologia da sua prática de escritor. É claro que se pode pôr na boca dos personagens tudo o que se queira e a literatura em parte é isso mesmo, uma discussão/confronto entre personagens de ideologias diferentes, mesmo se elas não sabem o que isso quer dizer (...)

Ao explicar que a literatura é uma “discussão/confronto entre personagens de ideologias diferentes”, Pepetela revela um conceito de literatura. Para ele, a constituição de um objeto literário se dá pelo embate de distintas opiniões a partir das falas de diferentes personagens. Isso que é fundamental ao que se denomina literatura – para Pepetela – aponta para o conceito de polifonia, do teórico russo Mikhail Bakhtin.

* Mestrando em Literaturas Portuguesa e Luso-Africanas pelo Programa de Pós-Graduação do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Ao passo que os formalistas russos e a lingüística estruturalista situavam seus estudos a partir do sistema abstrato da *langue*, Bakhtin situou suas reflexões na materialidade da *parole*¹; ou seja, não estudava a língua, mas sim a linguagem, ou ainda, o discurso. Ele buscava “as manifestações concretas de indivíduos em determinados contextos sociais” (EAGLETON, 2006, p. 175).

Bakhtin, em *Marxismo e filosofia da linguagem*, afirma que “um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra” (1986, p.32). Ou seja, ao representar A, o signo refrata B, C e D. Partindo da divisão saussureana de signo e atualizando-a com Bakhtin, um significante não possui mais um significado, mas sim uma possibilidade plural de significados que podem ser refletidos ou refratados. Assim, o signo não é monossêmico, e sim, constitutivamente polissêmico. Ele significa a partir do lugar social do qual os sujeitos falam, uma vez que, para o teórico, a língua está na infra-estrutura (e comporta variações) e não na macroestrutura.

Em todo seu trabalho, Bakhtin pensa a utilização desse signo (um signo material e polissêmico) em função da alteridade. Essa alteridade, para o teórico, é a própria intersubjetividade. É na relação com o outro que se forma a própria noção de um eu: a intersubjetividade é, assim, anterior à noção de subjetividade.² Desse modo, toda interação é, necessariamente, dialógica. E o dialogismo atua como um princípio constitutivo de todo o discurso.

Partindo de tais pressupostos, Bakhtin entende a literatura como discurso. Ou seja, analisa o objeto literário a partir da materialidade da *parole*. Em *Questões de literatura e de estética*, explica que o romance (um gênero desenvolvido a partir da burguesia) é produto da estratificação social. O romance, naturalmente, é constituído pelo plurilingüismo, ou seja, o discurso de um outro está sempre presente, seja para disfarçar ou não, o discurso do narrador. O gênero romanescos é uma diversidade de linguagens (de acordo com as divisões sociais) organizada de modo artístico. A grande inovação desse gênero, pensando de acordo com Bakhtin, não é a representação dos homens, mas a representação dos seus discursos.

Em *Problemas da poética de Dostoiévski*, Bakhtin apresenta seu conceito de romance polifônico, observado a partir de Fiódor Dostoiévski. A polifonia (empréstimo de termo da música) se trata de uma orquestração de vozes. Os personagens detêm uma consciência independente da consciência do narrador e/ou do autor. Assim, suas vozes são discursos

¹ É utilizada aqui a oposição binária *langue x parole* a partir de Ferdinand de Saussure.

² A construção da identidade a partir da alteridade é explicada por Jacques Lacan. No que ele define como “fase do espelho”, as crianças ainda não têm qualquer auto-imagem como sujeito e a partir do contato com os outros vão, gradualmente, e com dificuldades, criando uma noção de si. (Cf. Lacan apud Hall, 2006, p.37)

(trespassados pela ideologia) não subordinados, mas sim, coordenados nesse gênero de natureza plurilíngüe que é o romance.

Explica-se assim, por intermédio do conceito bakhtiniano de polifonia, o embate ideológico do discurso dos personagens, que não são objetivados pelo narrador, que se mantém sensível e respeitoso ao “eu do outro”, utilizando da matéria viva do discurso para a formação do romance, o ideal literário de Pepetela. Sua obra pode ser entendida como a busca pela orquestração de diferentes vozes provenientes das diferentes ideologias de seus personagens. O presente trabalho se focará nessas reflexões teóricas para a análise de *A geração da utopia*, de Pepetela.

2 A geração da utopia em tempos de utopia

Amanhã
entoaremos hinos à liberdade
quando comemorarmos
a data da abolição desta escravatura
(AGOSTINHO NETO, *Sagrada Esperança*.)

“Portanto, só os ciclos eram eternos”. (PEPETELA, 2000, p. 9). É dessa forma que se inicia *A geração da utopia*, de Pepetela. O romance é dividido em quatro momentos: *A casa*, *A chana*, *O polvo* e *O templo*. O presente capítulo (*A geração da utopia em tempos de utopia*) tem por objeto de análise específico o primeiro momento do livro: *A casa*.

A casa encontra seu cenário narrativo em Lisboa, no ano de 1961. Visando o controle sobre as elites africanas, o governo de Salazar criou, em 1945, a Casa dos Estudantes do Império (CEI). Tratava-se da expansão da Casa dos Estudantes de Angola (criada por estudantes universitários angolanos em Portugal). Desse modo, Salazar pretendia criar uma elite africana com ideologia colonialista. No entanto, a CEI acaba tornando-se importante ponto para a reunião das futuras elites culturais e políticas africanas, que tinham por ideal comum a independência das colônias e a ideologia antifascista.

É ao entorno dessa CEI que é narrado esse primeiro momento, *A casa*. Cuida-se destacar também, que é no ano de 1961 que o Movimento pela Libertação de Angola (MPLA) inicia a luta armada pela independência angolana. Por variação de foco narrativo, a consciência de variados personagens expõe suas ideologias em diálogo com o importante momento de 1961. A polifonia se instaura principalmente nas vozes de Aníbal, Elias, Marta e Malongo, cada qual representando uma diferente ideologia.

Aníbal, um estudante que fugia da PIDE por integrar uma organização comunista com grupos estudantis, acreditava que somente o comunismo era capaz de derrubar o governo

fascista para, assim, libertar as colônias. Ele repudiava, ainda, a resposta racista dos angolanos frente ao racismo dos portugueses. Sonhava com a independência livre de questões raciais. Sua voz acaba sendo representativa da ideologia do MPLA. O fragmento a seguir demonstra isso:

Os comunistas são os únicos que têm uma organização eficaz. Dominam o movimento estudantil e podem ter a certeza que os estudantes não fazem nada sem o seu apoio ou pelo menos o seu aval. (...) Numa base de trabalho unitário, o importante era derrubar o fascismo em Portugal e o problema das colônias resolvia-se automaticamente. (p. 58)

Elias, um nacionalista protestante e radical, acreditava que a independência deveria ser feita pelos negros. Os mulatos e brancos não deveriam ser considerados angolanos, pois representavam a dominação do colonizador. Além do mais, era somente de modo violento que o colonizado poderia libertar-se da colonização. O excerto que segue expressa claramente a ideologia de Elias, adepto da União das Populações de Angola (UPA), visto como um movimento tribalista e racista do norte de Angola:

(...) só a violência do colonizado pode fazer ultrapassar o complexo de inferioridade que o colonizador lhes inculcou. O colonizado só pode adquirir uma personalidade de homem livre se exercer a violência. (...) Por essa teoria, a violência da UPA justifica-se. (...) Na primeira fase, o terror é necessário para criar consciência. Depois isso terminará. E haverá a integração de todos num país independente. (p.95-96)

Já a rebelde Marta, amiga de Sara, que por sua vez era grande amiga de Aníbal (sua voz representa a mesma ideologia, referente ao MPLA), acaba escondendo o comunista em sua casa. Lá, sucedem-se muitas discussões entre os dois, nas quais se percebe a orientação anarquista da voz de Marta. Comentando sobre o idealismo de Aníbal, que parte para a luta armada junto ao MPLA, ela afirma:

Se não morrer, o que se enquadra melhor com a sua maneira de ser, vai desiludir-se. A tal revolução que tem à frente não vai ser como ele imagina. As revoluções são para libertar, e libertam quando têm sucesso. Mas por um instante apenas. No instante a seguir se esgotam. E tornam-se cadáveres putrefactos que os ditos revolucionários carregam às costas a vida toda. (...) a Revolução Francesa acabou no terror e Napoleão e a bolchevista terminou logo no estalinismo, mesmo antes de Estaline ser o patrão. (p.131)

Por fim, há a voz de Malongo, jogador de futebol e namorado de Sara. A ideologia desse personagem é, na verdade, uma não-ideologia, ou uma alienação. Situa-se fora da esfera dos ideais coletivos e dos anseios de independência, embora se sentisse alvo de preconceito racial no seu clube, o Benfica. Seus sonhos são individuais e passam pela sua realização profissional enquanto jogador de futebol e amorosa no relacionamento com Sara. Aproveitava-se da cultura tribalista para sustentar opiniões machistas. Nos seus diálogos com Sara, sua (não) posição é bem perceptível:

Claro que me interessa saber o que se passa na terra. Mas só isso. Não tenho nada que me meter em organizações, sei lá porquê uma é melhor que a outra. Acho que temos coisas mais importantes para fazer juntos. (p. 46)

E que não viessem com coisas, não havia angolano sem amantes, fazia parte da identidade nacional. (p. 106)

Apesar do confronto ideológico dessas diferentes vozes, com a exceção de Malongo, todas as demais estavam unidas por um objetivo maior: a independência de Angola. Tanto a voz de Aníbal (representando o MPLA), quanto a voz de Elias (representando a UPA) ansiava pela revolução. Além do mais, ambos se apresentavam utópicos e sonhadores, unidos em um sentimento nacional coletivo. E mesmo a anarquista Marta (que não era angolana) simpatizava com a independência, uma vez que esta instauraria a crise na ordem do regime fascista de Salazar. Isso se torna bastante perceptível no momento em que Sara reflete sobre a boa convivência de Marta e Aníbal, mesmo com suas visões tão distintas:

E de qualquer modo tinham um vasto terreno comum, o ódio à ditadura de Salazar e a esperança na independência das colônias. Opunham-se nos métodos e na maneira de prever a sociedade futura. Uma sociedade onde o Estado ia abolir as classes, segundo Aníbal, uma sociedade sem Estado pois este tendia a ser o manto sob o qual novas classes se criariam, segundo Marta. (p.86)

Após a intensificação das ações repressivas por meio da PIDE, o grupo acaba fugindo de Portugal. Alguns foram para outros países da Europa ou para os Estados Unidos continuar os estudos, outros regressaram para Angola a fim de ingressar na UPA ou no MPLA e lutar pela independência.

3 A geração da utopia em tempos de distopia

Raios partam a liberdade se a liberdade é isto.
(LOBO ANTUNES, *As Naus*)

Após *A chana* retratar a guerra pela independência em Angola, no ano de 1972, e *O polvo* retratar, a partir de um foco em Aníbal, os conflitos pós-independência, em 1982, *O Templo* apresenta uma nova orquestração de vozes, situada em Angola, no ano de 1991.

Apesar das complicações da guerra, e de ela, aparentemente, parecer sem solução, no ano de 1975, após a queda do regime salazarista, as colônias ainda pertencentes a Portugal tornaram-se libertas. Ainda que a independência política tenha sido conquistada, a independência cultural jamais foi concretizada. As marcas de séculos de sobreposição cultural lusa não foram apagadas. A cultura tribal passou a ser desvalorizada em prol de uma cultura eurocêntrica, com ênfase na industrialização e na criação de elites urbanas, de acordo com o modelo capitalista.

A partir da explicação de Homi Bhabha acerca da tradução, uma transferência de culturas além das fronteiras do nacional, Stuart Hall fala em hibridismo:

Eles devem aprender a habitar, no mínimo, duas identidades, a falar duas linguagens culturais, a traduzir e a negociar entre elas. As culturas híbridas constituem um dos diversos tipos de identidade distintamente novos produzidos na era da modernidade tardia. (2006, p.89)

O conceito de hibridismo pressupõe uma dialética: a geração da síntese de uma nova compreensão cultural a partir do apagamento de duas compreensões, nas quais as fronteiras foram rompidas. Percebe-se, a partir de *A geração da utopia*, no entanto, que não houve um processo de hibridação cultural, mas sim um processo de assimilação da cultura do colonizador. Instalava-se uma nova dominação: do angolano pelo próprio angolano. E há fragmentação mesmo na elite dominante, isso porque podemos falar em duas elites: de um lado a dominação de uma elite urbana (a partir dos quadros formados na Europa, que trouxeram a independência) e de outro lado a dominação de uma elite tradicional (detentora do processo de produção rural). Essa cisão fica clara na obra de Pepetela:

Há duas Angolas, elas se defrontam. Duas Angolas provenientes dessa cisão da elite, a urbana e a tradicional. Isto de forma grosseira, é evidente, porque sempre houve pontos de passagem entre os diferentes sectores. Felizmente nesta guerra houve empate, nenhuma destruiu a outra. Mas continua a haver duas Angolas. (p.364)

De acordo com o africanista Patrick Chabal (1998), a atual situação dos países africanos é caracterizada pela falha na sustentação econômica, pelo crescimento do poder (inclusive político) a partir da informalidade, pela re-tradicionalização das sociedades e pela marginalização desses países no cenário global. É nesse cenário, em *O templo*, que é instaurado novo embate polifônico:

Aníbal, que na guerrilha ganhara a alcunha de Sábio, agora era marginalizado no novo sistema político. Retirou-se para a Baía Azul, uma distante baía, em uma espécie de auto-exílio. Seu desejo era não integrar aquela sociedade. Acaba, dessa forma, por afirmar as previsões de anarquista Marta, na primeira orquestração de vozes. “Mas lá no fundo ficou tocado [com as idéias anarquistas], senti. Ou morre ou se desilude, não tem outra alternativa” (p.131). No entanto, ocorreram as duas alternativas: a desilusão de Sábio com o fim que tomou os ideais pelos quais lutou levou à simbólica morte daquele Aníbal de outrora, sonhador e idealista. Sua voz fica marcada pela descrença nas organizações políticas:

E é triste sentir que a nossa geração, que vos deu apesar de tudo a independência, logo a seguir vos tirou a capacidade de a gozar. Como um pai que, ao oferecer um brinquedo ao filho, o monopoliza, só ele brinca com ele, com o pretexto de que o filho o vai estragar. Não é mesmo tragicabsurdo? (p.361)

Os partidos são feitos para dividir, não para unir. (p.364)

Para dizer a verdade, tinha vontade de criar o MMP, Movimento dos Marginalizados do Processo. Como único programa, ser oposição ao futuro governo eleito, qualquer seja. Porque marginalizados só podem ser oposição, nunca ganham eleições, mesmo sendo a esmagadora maioria da população. Se por um azar o Movimento conseguisse a maioria dos votos, o que correspondia a uma impressionante tomada de consciência do povo, dissolvia-se automaticamente, para não ser corrompido pelo uso do poder. (p.366)

Já Vitor, que n'A casa era um novato sem ideologia plenamente formada, ganhara a alcunha de Mundial ao lutar pela independência. Valorizado por ser importante figura na guerra, atuando pelo MPLA, passou a ocupar importantes cargos políticos e representa essa corrupção inerente ao poder, a que o Sábio critica. Ao debater com Malongo a incerteza de sua re-eleição pelo partido, percebe-se a utilização do poder político para interesses individuais:

Ora, ora. Não é por acaso que se é ministro durante muito tempo. Aprende-se umas coisas. Posso fazer carreira no mundo dos negócios. Tenho muitos contactos, conheço muitos processos. Sempre encontrarei alguma coisa. (p.321)

Quando Malongo alerta-o para o fato de que as pessoas entenderão que, quando era ministro, favorecia certas empresas estrangeiras para gozar de boas relações com elas, e que, mesmo, iniciara seus negócios privados com capital criado pelas comissões do Governo, Vítor não desmente o fato, apenas aponta para a necessidade de boatos no povo e do rápido esquecimento dos mesmos:

Já me convenci de uma coisa – disse Mundial, mostrando discretamente a Malongo o copo vazio. As pessoas falam de qualquer maneira. E acreditam sempre nos mujimbo. Precisam deles. (p.321)

(...) vai descobrir mais tarde que isso realmente não tem assim tanta importância (...) O povo esquece as coisas, interessa-se logo por outras. (p.322)

Malongo acabou abandonando seus dois sonhos: a carreira no futebol e a vivência amorosa com Sara. Rodou a Europa a fazer shows em bares e, assim, estabeleceu muitos contatos. Agora, era um grande empresário e vivia às custas da implantação de empresas estrangeiras na sua Angola. Sua voz representa o neoliberalismo, servindo de elo entre os recursos angolanos e o lucro estrangeiro. Percebe-se, claramente também, uma atualização de um discurso colonialista na sua voz, inclusive servindo-se de preconceito racial e da exploração do trabalho do próprio negro.

Estamos lixados, mais um que cria um partido político – disse Malongo. Vocês que andaram lá fora esse tempo todo julgam que a malta aqui andou a dormir e agora vêm todos ensinar a democracia. Façam como eu que vim mas é para fazer negócios. (p.329)

Você não aprende, não é, seu negro burro? Esqueceste outra vez o sal, filho duma puta velha. Vem cá, vem provar aqui. (p.347)

Vai arrumar as tuas coisas e desaparece-me da vista. Senão rebento-te à porrada. Gente como tu é o que não falta para trabalhar aqui em casa. Dei-te uma chapada para aprenderes, pois os negros burros como tu só aprendem à porrada. (p.348)

Judite, filha de Sara e Malongo e o seu namorado, Orlando, representam outra voz: a de uma nova ideologia utópica, crente na mudança dos atuais sistemas de governo (acusados de corrupção) e na construção de uma sociedade mais justa a partir da renovação. Não eram contrários ao aparelho estatal nem ao próprio capitalismo, mas ao uso antiético que se fazia deles e da abertura ao neoliberalismo. Em um debate entre Judite, Orlando, Malongo e Vitor, é possível perceber esses ideais:

(...) esse discurso ultra-liberalista não é só teórico nem inocente. Corresponde a uma estratégia invasora por parte de quem o propaga. Que afinal são sempre os mesmos invasores da história moderna, hoje com o campo todo aberto [explicou Orlando]. (pg.314)

Há muitos exemplos, [disse Orlando] africanos e não só, que fazem conciliar o capitalismo com grandes regalias dos funcionários superiores. O contrário é discurso demagógico de quem quer ser exactamente um grande funcionário, de preferência o mais importante de todos, Presidente da República ou Primeiro-Ministro. (p.314)

(...) Fartei-me [Judite] de ouvir coisas desse género [apoliticismo], exactamente de pessoas que não queriam mudar nada ou que tinham medo de o fazer. A política para mim é o meu trabalho, a política para mim é a minha família, a política para mim é o futebol, etc, etc. Esse é o discurso dos imobilistas.(p.315)

A Judite tem razão, [explicava Orlando] os que advogam o apoliticismo são os que ajudam a manter as coisas sempre paradas, sem progresso, qualquer que ele seja. E todos os regimes totalitários adoram esses apolíticos, embora não o reconheçam. (p.315)

Cuidado, tio Vítor, não se iluda – disse Judite (...) Alguns de vocês, que enriqueceram ilicitamente, vão ter de explicar mesmo como o fizeram. O tio Aníbal diz que vieram todos iguais da mata, cada um com a mão à frente e outra atrás, para tapar a nudez. Depois, alguns acumularam fortunas. Como conseguiram, se todos ganhavam mais ou menos os mesmos salários? (p.322)

Por fim, há a curiosa voz de Elias. O antigo protestante e defensor dos ideais da UPA, agora se dizia bispo da Igreja da Esperança e da Alegria do Dominus. Esta, explica Elias, fora criada por ele mesmo após revelação do deus Dominus a si. Sua igreja tinha por intenção ritualizar a alegria e o prazer, adequando-se perfeitamente ao povo africano. Durante conversa em um cabaré, Elias explica a Malongo e a Vítor as bases de sua igreja:

Dominus é o Deus da bondade, que tudo perdoad, que nunca ameaça, para quem a vida é sempre esperança e doçura. E da Alegria, porque Dominus quer que toda a gente se divirta, até certos limites evidentemente. Por isso não deve ser surpresa que o único bispo da Igreja esteja neste momento a dançar e a beber neste cabaré. (p.330)

As litânias introspectivas e murchas da Ásia Menor, transpostas para a Europa pelo judaísmo-cristianismo, chocam com a natureza extropectiva e alegre do africano. Os protestantes perceberam isso muito antes e ganharam terreno. Mas estão amarrados à ideologia tristonha da

Bíblia. Nós cortamos todas as amarras com a Ásia Menor, somos uma Igreja africana, a primeira que proclama a virtude do amor e da alegria, desculpa o prazer, que alia Deus e a festa. Dominus é único, mas pagão, força sensual da Natureza. (p.335)

Uma Igreja ganha prestígio e poder pelo apoio que recebe. A nossa pode ter tanta força na sociedade como essas que citaste. A sua mensagem é muito mais moderna e mais de acordo com o ser profundo do homem angolano. Daqui transbordará para África e depois para todas as diásporas africanas. Imagina o mercado mundial de almas à nossa disposição. Com as crises económicas, com a perda da utopia da libertação política, com o fim do inimigo que estava do outro lado da guerra fria, com a dívida externa que tira qualquer hipótese de desenvolvimento aos nossos países, os jovens desempregados e sem instrução, a delinquência e insegurança galopantes, tudo isso leva as pessoas a verem a religião como a única salvação. Todos apelam a um deus que lhes indique um caminho na vida, que já não têm ou que nunca tiveram. (p.342)

Se nos tempos de utopia, a diferença de vozes no jogo polifônico era, de certa forma, unida pelos ideais coletivos, pela luta da independência e pela construção de um país angolano, nesse triste retrato de tempos em que não há mais espaço para utopias, o jogo polifônico permanece em um debate aberto e sem solução. As ações são movidas por interesses individuais, e, somente por eles que há a aproximação de algumas vozes. No debate antes referido, entre Sara, Orlando, Vítor e Malongo, fica evidente o desconforto que essa diferença de vozes causa na própria família. De um lado, a filha, Sara, e o namorado, Orlando, acusam as atitudes de neoliberalismo e de abuso de poder no governo estatal, de outro, o pai, Malongo, e seu convidado e amigo, Vítor, percebem a acusação ideológica de seus próprios papéis.

Três vozes são unidas pelos desejos individuais em um perverso plano de busca pelo poder: as vozes de Malongo, Vítor e Elias. Malongo, com sua visão empresarial, logo encontra na Igreja de Dominus um grande potencial econômico. Vítor, sendo acusado de corrupção, precisava de fortes aliados que lhe possibilitassem a re-eleição. Desse modo, aproveitando da carência de certezas, esperança e alegria do povo angolano em tempos tão conturbados, a Igreja de Dominus se torna uma grande potência com o apoio político de Vítor e o investimento de Malongo. Nos diálogos que seguem, é estabelecida a união dessas vozes:

Tu [Malongo], por exemplo, sei que és milionário. E o Vítor que pode não ter muito dinheiro para arriscar, mas tem influência. Com apoios desses, construo uma igreja grande. Mas o mais importante é estender a organização a todo o lado, conquistar o amor dos homens. Com o amor dos homens, é evidente que a Igreja pode também ganhar parte do dinheiro das pessoas, o amor é isso, é saber partilhar. Falando claro, ando à procura de sócio com poder e dinheiro. O resto faço eu [Elias]. (p. 334)

Ainda não pensei [Malongo] bem, mas vou fazer um negócio com ele [Elias]. E tu [Vítor] também, velho. Vamos entrar nessa juntos. Deixa-me pensar uns dias. Antes de lhe propor qualquer coisa vou combinar contigo. Vamos sacar umas balas de credence da maralha. E sem ninguém saber. Atiramos o bispo para a frente, o gajo é que aparece. Nós arrecadamos. Porque essa Igreja vai ser popular e ganhar muito dinheiro. A maralha quer é dançar, beber, foder, sem sentimento de pecado. (p. 344)

A última cena do livro se passa no cinema Luminar, numa manhã de domingo: é o primeiro culto da Igreja da Esperança e da Alegria de Dominus. Atraídos pelo batuque amplificado pelo sistema de som instalado por Malongo e pelas divulgações da imprensa, inúmeros fiéis compareceram, atirando-se, desesperadamente, ao apoteótico ritual que lhes proporcionava alegria e a certeza das palavras de Elias. *A geração da utopia* encerra nessa espantosa cena, sem qualquer resolução do último embate de vozes. “Como é óbvio, não pode existir epílogo nem ponto final para uma estória que começa por portanto” (p.376).

4 Considerações sem final

A geração da utopia pode ser entendida como o embate de duas situações de polifonia em diferentes contextos. A primeira (apresentada no capítulo *A geração da utopia em tempos de utopia*, desse trabalho) encontra-se n’*A casa*, na obra de Pepetela; enquanto a segunda (apresentada no capítulo *A geração da utopia em tempos de distopia*, desse trabalho) encontra-se n’*O templo*, na obra de Pepetela.

A intermediária *A chana* revela a vivência da guerrilha e a luta pela independência. É, no entanto, na outra parte intermediária, *O polvo*, que é simbolizada a mudança entre os dois momentos:

O polvo tem o foco narrativo em Aníbal – o Sábio –, que, para muitos, é o álter-ego de Pepetela. Aníbal, desde a infância, tem terríveis pesadelos com um polvo gigantesco. Na Baía Azul – local onde passou a viver em isolamento –, ele encontra a gruta subaquática onde habita essa sua obsessão. Ele nem mesmo vê o animal, apenas sente sua presença. Após longo tempo de preparação espiritual, resolve partir para o seu inevitável destino munido de seu arpão e de seus cilindros de gás. Após matar o polvo e trazê-lo, com imensas dificuldades, à superfície percebe que o seu polvo era “apenas um polvinho”.

O polvo, na cultura africana, representa a conexão do passado com o presente. Simbolicamente, tem-se aqui, na morte do polvo, a morte não só do antigo Aníbal revolucionário e sonhador, mas também da própria utopia. “Sabia, tinha envelhecido nesta manhã. Nunca mais nada seria como antes, ia faltar sempre o polvo” (p.298). Ao relembrar, com Sara, as antigas discussões com Marta, Aníbal confessa sua mudança de voz: “eu morri e desencantei-me. Os dois caminhos num só” (p. 240). E deixa claro a morte dos antigos ideais e a relação com a morte do polvo: “A utopia morreu. E hoje cheira mal, como qualquer corpo em putrefacção. Dela só resta um discurso vazio” (p.240).

De acordo com Patrick Chabal (1998), a identidade nacional dos países europeus se constituiu, a partir do século XV, numa relação de alteridade com os novos territórios

descobertos. A negação da cultura das colônias era a afirmação da cultura da metrópole. Se em *A casa* tivemos a contrapartida dessa medida, a fim de se constituir uma identidade angolana e lutar pela independência – os tempos de utopia – em *O templo* nos defrontamos com a triste realidade de uma Angola insustentável economicamente, com sistemas informais de poder, duas elites distintas, burocratização e dominação do povo pelos antigos quadros intelectuais formados em Portugal – tempos de distopia. “O povo é como tronco de árvore. Todos se apóiam a ele, sobem por ele, para apanhar os frutos que estão lá em cima. Não é o povo que lhes interessa. Só os frutos” (p.209).

Nesse sentido, *A geração da utopia* é a narrativa de um movimento, da utopia para a distopia. Pepetela orchestra dois confrontos de vozes, um na utopia e outro na distopia. O último fica sem qualquer resolução ou fechamento, como a preocupante situação dos países africanos... A única certeza é a da morte da utopia. “Quisemos fazer desta terra um país em África, afinal apenas fizemos mais um país africano” (p.352).

E como encerrar um trabalho sobre a geração da utopia em tempos de distopia? Não encerrando com um portanto, pois somente os ciclos é que eram eternos.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud, Yara Frateschi Vieira et alii. São Paulo: Hucitec, 1986.
- _____. *O plurilingüismo no romance*. In: BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora F. Bernadini ET alii. São Paulo: Hucitec, 1988.
- _____. *Problemas da poética de Dostoievski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense, 1981.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998
- CHABAL, Patrick. “What is Africa? Interpretations of post-colonialism and identity”. In: ROSA, Victor Pereira da e CASTILLO, Susan (org.) *Pós-colonialismo e Identidade*. Porto: Edições da Universidade Fernando Pessoa, 1998.
- EAGLETON, Terry. “Estruturalismo e semiótica”. In: EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p.137-189.
- Entrevista com Pepetela por Jane Tutikian*. In: *Organon: políticas e práticas sociais de resistência*. v.23 n. 47. p 209-211. jul-dez 2009.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- PEPETELA. *A geração da utopia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. Trad. Antônio Chelini, José P. Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006

TUTIKIAN, Jane Fraga. *Velhas identidades novas: o pós-colonialismo e a emergência das nações de língua portuguesa*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2006.